



ANOTHER BRICK IN THE WALL: ESCOLA, PODER DISCIPLINAR E CORPO DÓCEIS

Yandra Sofia Trindade Santos¹
André Almeida Santos²
Samene Batista Pereira Santana³

RESUMO: O resumo tem por objetivo realizar uma análise filosófica e cinematográfica do clipe “Another Brick In The Wall” parte II da banda Pink Floyd. Este relato de experiência é uma pesquisa qualitativa, realizada no Laboratório de Pesquisa em Filosofia, Direito e Audiovisual (LAPEFIDA) na Universidade do Estado da Bahia, Campus XX – Brumado e possui como obras base: Vigiar e Punir (2011), Microfísica do Poder (2011) e Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982), escritas por Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Poder-Corpo; Disciplina; Escola; Audiovisual; Pink Floyd.

INTRODUÇÃO

Uma pergunta clássica para amantes da arte é “a arte imita a vida ou a vida imita a arte?”, embora muitos filósofos se debrucem sobre a temática, mesmo possuindo opiniões diversas, concordam que a realidade e arte se relacionam. Na visão foucaultiana, a arte seria capaz de reproduzir, transformar e/ou fomentar reflexões acerca das relações de poder-saber presentes na sociedade, moldando discursos que, a posteriori, serve de fundamento dos hábitos e até das normas legais. Dessa forma, compreender sua potência é fundamental para estudiosos das ciências humanas.

O presente trabalho pressupõe que a arte também pode contribuir em análises filosófica caso seja analisada a partir de seu regime de visibilidade e visualidade, ou seja, sua própria linguagem. Neste contexto, o relato de experiência realizado no Laboratório de Pesquisa em Filosofia, Direito e Audiovisual (LAPEFIDA) na Universidade do Estado da Bahia, Campus XX – Brumado, utilizar-se-á do recurso audiovisual da banda Pink Floyd, uma música nomeada de “Another Brick In The Wall” parte II (ou Mais um tijolo no muro) para propor uma discussão a luz do filósofo francês Michel Foucault.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Realizar uma análise filosófica e cinematográfica do clipe “Another Brick In The Wall” parte II da banda Pink Floyd.

¹ Graduanda em Direito. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XX/Brumado. E-mail: santos.yst@gmail.com.br

² Mestrando em Relações Étnico-Raciais. Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), *Campus* Paulo Freire. E-mail: coordenadorandrejn@gmail.com

³ Pós doutora em Direito. Mediterrânea Internacional Centre Human Rights (Régio Calábria - Itália). E-mail: samenebatista@gmail.com



Objetivos Específicos:

- Explicitar as categorias foucaultianas: poder disciplinar; panoptismo; escola; corpos dóceis.
- Tecer críticas a tradução do áudio presente no objeto de estudo, bem como também seu enredo.
- Relacionar o videoclipe “Another Brick In The Wall” parte II da banda Pink Floyd com as categorias foucaultianas mencionadas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no trabalho é pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e analítico que revisou 3 obras foucaultianas, são elas: Vigiar e Punir (2011), Microfísica do Poder (2011) e Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982). Realizado no Laboratório de Pesquisa em Filosofia, Direito e Audiovisual (LAPEFIDA) na Universidade do Estado da Bahia, Campus XX – Brumado, o trabalho tem por objetivo estudar o videoclipe “Another Brick In The Wall” parte II (ou Mais um tijolo no muro), da banda Pink Floyd.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em sua obra, Vigiar e Punir, Foucault (2011) tem por finalidade estudar o poder disciplinar ao longo da história para perceber como os indivíduos foram submetidos a uma engrenagem de vigilância, exame e punição em que, por consequência, dobrava suas forças e docilizava seus corpos. O autor afirma que na idade clássica, existiam quatro maneiras de estabelecer as punições: (I) exilamento ou confiscoamento de bens e imóveis (II) Estabelecer uma compensação pelo dano causado (III) exercer poder sobre o corpo e, por fim, (IV) Prender.

O autor percebe que entre os séculos XVIII e XIX há uma transformação na aplicação poder, até o século XVII, as punições centravam-se no corpo do indivíduo como uma forma de marcar e demonstrar o controle sobre ele, configurando-se um espetáculo – categorizado por Foucault como suplício – realizado para população. Assim, o soberano fazia seus súditos se vigiarem e se corrigirem vendo as consequências de fazer o que não deveria ser feito. Porém, este poder centrado no “corpo-máquina” torna-se mais sutil, perspicaz e eficiente, no que tange o adestramento individual, pois não era mais necessário atingir o corpo físico para obter obediência do indivíduo. Neste contexto surge punições com o objetivo de atingir sua “alma”, também conhecidas como aprisionamento do corpo ou privação de liberdade.

A evolução das prisões culmina em uma espécie específica de vigilância, conhecida como panoptismo, tal conceito surge com Jeremy Bentham e, a posteriori, é estudado por



Foucault. A categoria sugere uma ideia de vigilância constante dos presos a partir de um lugar estratégico. Em suas celas existiriam pouco luminosidade, seriam organizadas em formato circular para que no centro ficasse a cabine do guarda, onde haveria excesso de luz. Dessa forma, nunca conseguiriam distinguir se estavam sendo, ou não, vigiados, criando uma sensação de “vigilância contínua”, ainda que o guarda não estivesse lhes observando.

A “anátomo-política do corpo” pode ser vista para além do ambiente prisional proposto na obra “Vigiar e Punir” (2011), a linha filosófica foucaultiana compreende que há adestramentos também em outros espaços coletivos, sendo os principais: as fábricas ou trabalho, escolas e hospitais psiquiátricos. Nessa perspectiva, os indivíduos seriam submetidos a uma vigilância de si e do outro ao passo que também são vigiados. Ora, no ambiente escolar, (I) o ser humano vigia e é vigiado pelo seu colega de sala, (II) pode submetê-lo ao exame da direção em casos de infração ou ser submetido e (III) punido em decorrência do que fez. Assim, do mesmo modo, seguiria a logística do trabalho ou hospitais.

Em sala de aula, enfileirados em uma distância razoável, o professor, perto do quadro pode exercer a vigilância de todos os alunos, notando quem comente infrações ou não. Por outro lado, é importante frisar que a sua ausência na turma, não permite que os alunos se sintam confortáveis ao ponto de infringir as normas escolares, pois sabem que perto do cômodo em que estão, encontram-se outros profissionais (professores, coordenadores, diretores) avaliando suas condutas. Essa sensação de “vigilância constante” faz com que eles se mantenham na disciplina.

No videoclipe da música “Another Brick In The Wall” parte II (ou Mais um tijolo no muro), da banda Pink Floyd, nota-se que os alunos são submetidos a um “poder disciplinar” que faz seus comportamentos e pensamentos adquirirem a visão exprimida pelo professor em sala. Não cabe aos alunos serem criativos ou desenvolverem outras habilidades, se não aquelas fomentadas em sala. No ápice do curta, eles entram em uma máquina com suas singularidades (qualidades físicas e psíquicas) e saem com rostos semelhantes, parecendo manequins, sem esboçar nenhuma expressão. Dessa forma, tais elementos citados podem fundamentar uma análise foucaultiana na obra.

Outros elementos importantes são a tradução da música. Existem dois trechos importantes que reproduzem a ideia supracitada, são eles o refrão e uma conversa do professor com os alunos. No refrão, a tradução pode ser feita da seguinte maneira “não precisamos de educação, não precisamos de controle mental. (...) Professores, deixem as crianças em paz. No fim das contas, você é só mais um.” A mensagem deste trecho é o “querem nos controlar, não



queremos ser controlados”, porém o poder é tão sutil, perverso e eficiente que os alunos não saem da máquina, logo continuam a reproduzir os hábitos questionados. Em outra parte, a música denuncia a violência do poder disciplinar a partir do seguinte trecho “no final das contas, é só mais um tijolo”, o professor reclama do que alunos fizeram em sala, eles refazem enquanto cantam “e no fim das contas, você é só mais um”. Novamente, percebe-se que a consciência não lhes faz transformar a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível examinar que a arte tem o poder de reproduzir, denunciar ou questionar discursos sociais, bem como também situações semelhantes a realidade, visto que ela possui uma capacidade de tocar o público ao que está sendo representado na dramaturgia. Também notou-se que o audiovisual pode possuir uma linguagem própria com uma mensagem pautada em reflexões filosóficas. Assim, o clipe ou música pode ser instrumento lúdico de aprendizagem, seja alunos ou professores.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 29º reimpressão.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 39 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MUSIC HALL. **Pink Floyd - Another Brick In The Wall (Part II)** [Clípe Oficial] (Legendado/Tradução). YouTube, 2021. Acesso em 12 de outubro de 2022. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=I0fgxSei0xE>>.

Santos, A. A.; Reis, M. de N. (2021). **Biopoder e necropolítica: os mecanismos estatais de controle sustentados na diferença racial**. Revista Espaço Acadêmico, 21(230), 309-320. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/55986>